


LC  
CANÁRIO

AÇOUQUE

TAINAN  
COSTA

Ilustrações: Herbert Loureiro Calheiros





Este livro é uma produção das  
**EDIÇÕES CANÁRIAS**. Realizado  
a partir da substancial  
colaboração da mão digital de  
Leonardo Leal e finalizado por  
Tup, na base da Coletividade  
Sagaz.

# Prefácio

## Poesia alagoana agora

Ledo engano pensar que a poesia sobrevive apenas nas academias de liquidação de textos, quando os sentimentos são vendidos no balcão dos desejos, a preço de banana. Maceió sempre soube interagir na base do poema iracundo ou discurso de alcova, pois poesia parnasiana, monocultura açucareira e política social reacionária sempre andaram de “mãos dadas”, no mercado maceioense das musas.

Tainan Costa, jovem poeta alagoano, constrói seu verso com a música suja das ruas. Quando ele diz que “Maceió machuca” sabe muito bem o que é uma mãezinha com garras e assim consegue desagradar o coro dos caretas, pois se desconecta do sistema, celebrando o seu ciberespaço, e sabemos que poesia é uma *machine à émouvoir*.

Com curiosidade crescente fui anotando os versos e enumerando as imagens que se enraizaram rápido na minha memória, parágrafos peculiares e ritmos dissolutos. E que legal descobrir que o poeta Tainan Costa sabe a diferença entre filho e cão, sendo o segundo o nosso semelhante, o *hypocrite lecteur*. Não falta em sua poesia sequer a sutil denúncia social que ao lado do “sentimento do mundo” conduz o seu “andar sincopado” na dor urbana da cidade cinza. Poeta telúrico e cidadão, seus poemas refletem a vida maceioense atual e ganham expressividade a cada releitura.

Sintomático que Maceió de outrora-agora possua um poeta à altura, para reabrir as velhas feridas, sem temor de sangrar as novas.

Marcos de Farias Costa  
Maceió, Jaraguá, Rua do Uruguai, 4 de abril de 2007.

# Agradecimentos

À Ivana Iza, princesa do reino e mandatária desta e de outras terras.

À Dona Celina, a mulher renascida.  
Para o irmão Ricardo, portador do cartão da salvação.

Aos loucos da Rayol Square: Artur Finizola, Vítor Pirralho, Jr. Negão, Danilo, Macho Adelmo e a Banda Dona Maria.  
Para Beto Brito, em duo e com DUO.  
Para mestre Bozo e a Poeira Nordestina.

Para Áurea, com amor de filho.

Para a amiga Pedri e Professora Sebastiana, das primeiras a acreditar.

Ao poeta Marcos de Farias Costa e o gozo da dialética.

A todos os sebistas e alfarrabistas do centro de Maceió.

Aos que acreditam que a palavra é possível, aos que jamais leram um livro.







# Indi -ce:

Parte I

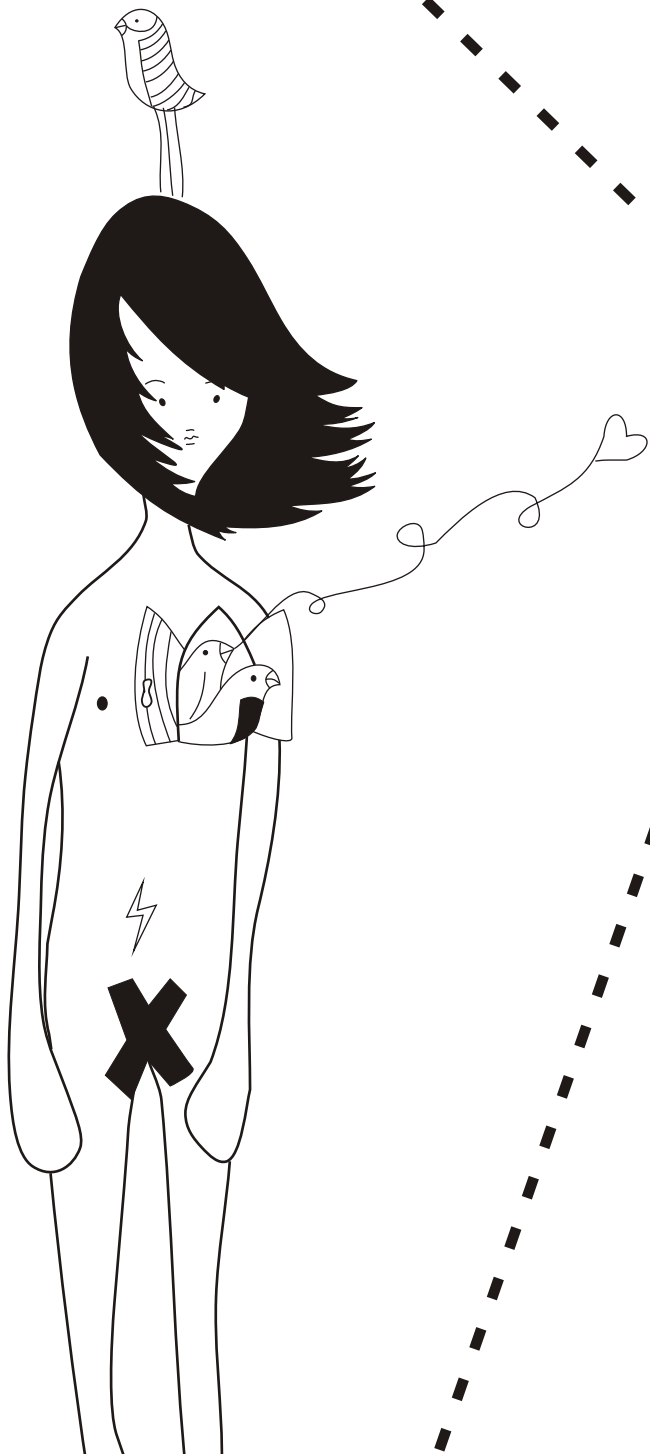
- Diário das testemunhas de Jaraguá. Poemas algoanos.

2:

- Aquário de aves marinhas.







DIÁRIO DAS  
TESTEMUNHAS  
DE  
JARAGUÁ



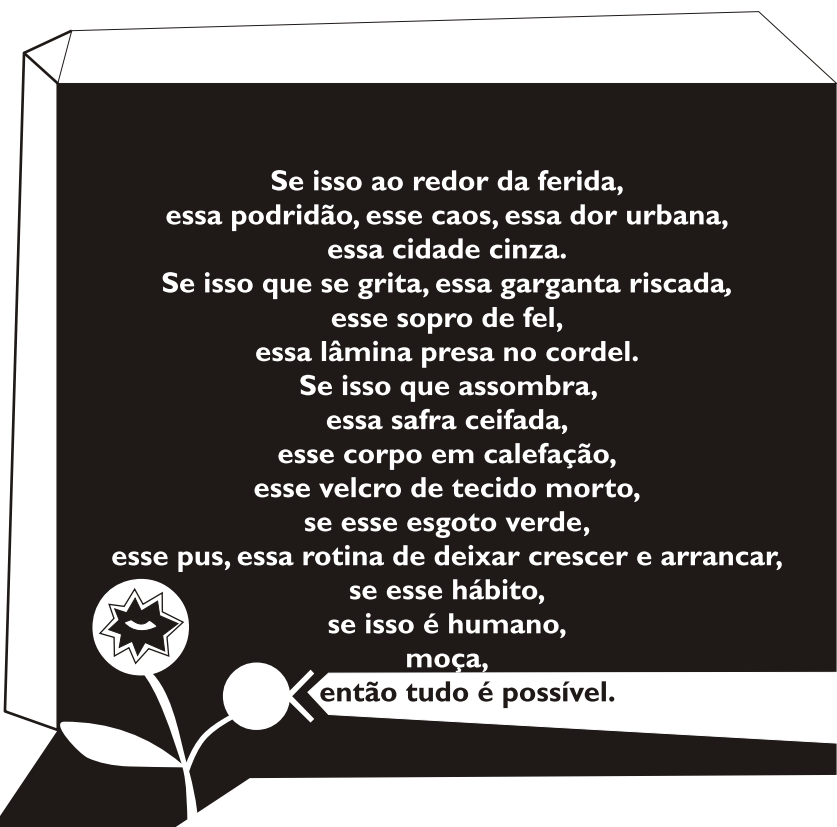
# Bem Verdade.

**E** bem verdade que a poesia  
nada pode contra o mundo,  
não alimenta, não paga salário (esta palavra-fome),  
porém,  
o olhar da poesia não escolhe nome,  
ele observa as coisas pelo avesso, além do preço,  
do prazo, do adereço.

Sei, e creio que você também, sejamos realistas,  
que o mundo se importa mais com os economistas,  
com os que fabricam bolas ou canetas,  
com os que constam na lista dos colunáveis da gazeta.

Mas, não esqueça, o olhar da poesia perfura todos eles,  
arranca-lhes a pele e pesquisa,  
cada palavra, parte, partícula, sobrenome, futilidade,  
apetrecho,  
o olhar da poesia a todos vaza e consome.

Também é bem verdade, e nisto creio que concorda  
vossa excelência,  
que tudo isto acabará, falecerá, morrerá,  
que seus filhos, preocupados em administrar a  
herança,  
irão arrancar fígados, mentir para juízes, criar provas  
de prevaricação,  
bem verdade, entre seus filhos e um cão,  
o segundo é mais limpo.

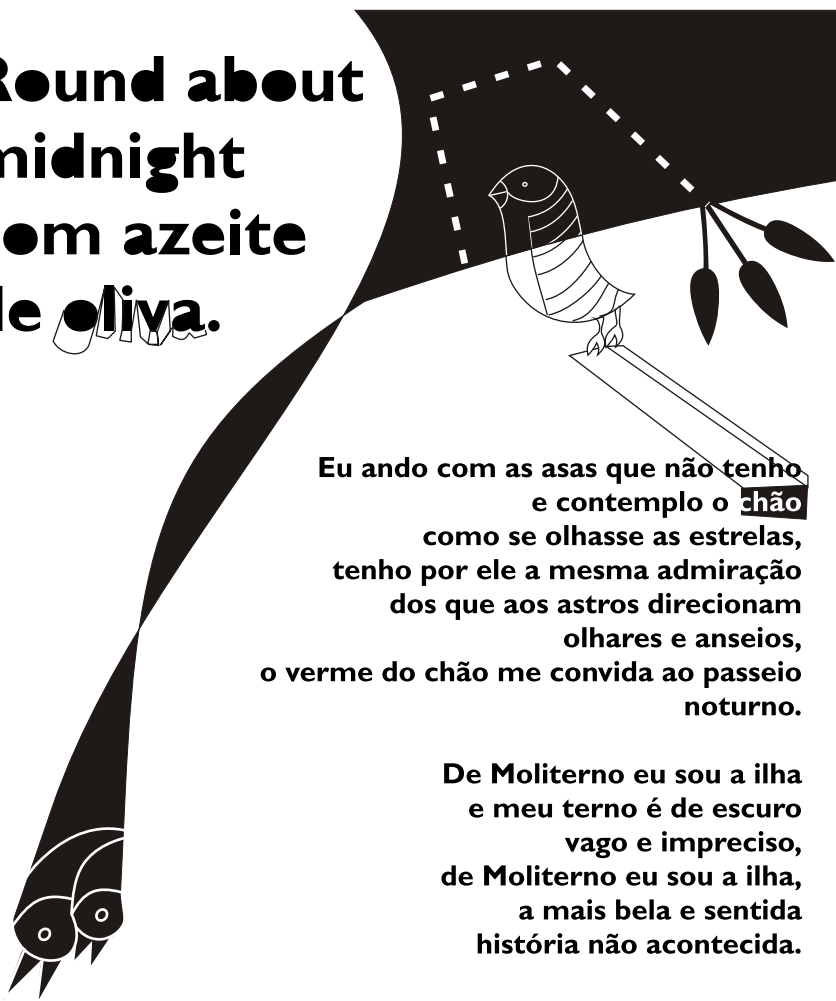


Se isso ao redor da ferida,  
essa podridão, esse caos, essa dor urbana,  
essa cidade cinza.  
Se isso que se grita, essa garganta riscada,  
esse sopro de fel,  
essa lâmina presa no cordel.  
Se isso que assombra,  
essa safra ceifada,  
esse corpo em calefação,  
esse velcro de tecido morto,  
se esse esgoto verde,  
esse pus, essa rotina de deixar crescer e arrancar,  
se esse hábito,  
se isso é humano,  
moça,  
então tudo é possível.

# Macacos me.

{no hospital,  
costurando a cabeça}

# Round about midnight com azeite de oliva.



Eu ando com as asas que não tenho  
e contemplo o **chão**  
como se olhasse as estrelas,  
tenho por ele a mesma admiração  
dos que aos astros direcionam  
olhares e anseios,  
o verme do chão me convida ao passeio  
noturno.

De Moliterno eu sou a ilha  
e meu terno é de escuro  
vago e impreciso,  
de Moliterno eu sou a ilha,  
a mais bela e sentida  
história não acontecida.

Sou o vácuo, o veto, o vício,  
a ferida, de Moliterno eu sou a ilha,  
a furiosa e sentida ilha,  
o vazio do olhar perdido.  
Em meu semblante repousam  
todas as coisas não contidas,  
o que sobra, o que paira, o que transborda e  
espirra.

Sou o feto dos fatos  
o calo do caos deste cidade em meus pés,  
em verdade,

MACEIÓ MACHUCA.



**Para Adelmo**

# **XX Poema da tarde** **i n t e i r a .**

**No dia 05 de qualquer mês comum:**

**Conforme for, assim será, minha pele posta  
na mesa, junto à ela o contra-cheque.**

**Chamam-me como querem,  
homem-salário, número na folha,  
vivo além do pleito, valho menos  
Do que tenho direito  
e menos do que pagam,  
quando o pagam  
é sempre menor do que mereço.**

**Nada tenho exceto o que guardo,  
entre retalhos secos, gavetas azuis de céu fechado, painel de  
guardados.**

**Meus filhos verão meus livros,  
estas páginas vazias ou velhos guardanapos  
que limpam a boca e guardaram palavras  
dobradas ao vão das coisas não lidas.**

**Quem fui, quem serei, quem sou,  
para muitos não conta,  
mas suponhamos que em meu peito brilhasse  
medalhão com as iniciais em relevo, platina ouro branco  
forjado,  
ou ainda 24 quilates no pescoço do meu cão,  
certamente olhos em mim se poriam.**

**A madame no consultório, por exemplo,  
a espera da consulta fatal, na qual veria o linfoma nas mãos do  
doutor,**

**dedicaria alguns minutos do restante de sua vida  
a observar a jóia maciça.**

**Estaria eu contribuindo para a morte dela?  
Quisera.**



**Ao som de Terceiro Samba, Mestre Ambrósio.**





Senhor, sua permissão para o espaço,  
preciso de tempo, alento, sinto-me cansado.



Minhas sandálias denunciam  
o quanto de caminho foi andado,  
quando não as sandálias  
as máquinas que carregam meu pesar e meu corpo  
já dão sinais de que a ferragem não mais suporta.



Respiro o ar de minha cidade,  
pequena aos olhos estranhos,  
imensa ao olhar familiar.  
Maceió lugar de mundos  
onde o mundo se perde  
nas entranhas dos mortos nas calçadas  
ou enferruja na maresia praiana.



## Um pé de laranja podre.

Esta cidade é meu terreiro,  
já cantei quintal de coqueiros,  
já corri nas margens do riacho salgado,  
já joguei nas proximidades do aeroporto,  
já respirei o ar da lagoa.

Eu sou aquele homem que corta cana,  
aquela mulher que descasca feijão;  
eu sou o desdentado vendedor de amendoim,  
o boçal vereador  
ou a dama que passeia com o yorkshire.

Esta cidade é minha sombra, meu espelho,  
não há Quinta Avenida que me seduza,  
nem torre Eiffel que me valha,  
eu quero estas ruas minúsculas  
este lugar sem calçada,  
quero Vergel e Trapiche, a multidão no estádio aos gritos.



**Na Ponta da Terra escrevi meu nome,  
ânsia de eternizar a passagem,  
lá ficou minha silhueta, meu semblante,  
meu sangue na paisagem.**

**No cais velho dos peixes velhos, da velha vida,  
minhas mãos puxaram redes,  
carregaram sacos, açúcar estocado,  
guardado a espera dos preços.**

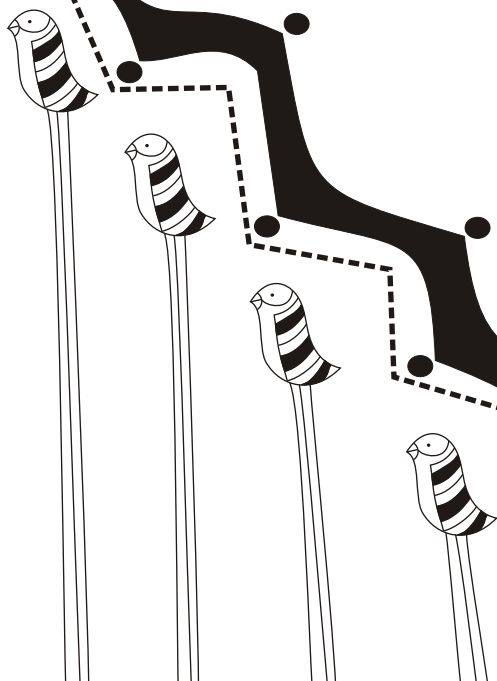
**O doce lucro dos homens da cana  
azedou minhas costas, meu rosto  
e ainda azeda o de muitos outros...  
não se iluda meu olhar,  
ainda somos um velho engenho,  
com senhorias e senhoritas de pele lustrosa.**





# Rua Batista Acioli

A mão do tempo arrasta os homens  
Neste bairro de casas velhas.  
Velhas são as casas e as sombras dos homens  
Que aqui estiveram a beber e cantar.  
Eu sei, ninguém me disse,  
A mão do tempo arrasta os homens,  
Os homens não mais existem.  
Outrora fomos cais donde o tempo partia  
Armazém de guardar iguarias,  
Trapiche novo onde putas sorriam.  
Mercadores, marinheiros, cachaceiros,  
Barbeiros, sapateiros, mar azedo,  
Vadiagem.  
Noite afora uma canção o mar devora.  
Eu sei, ninguém me disse,  
Tudo no mundo a mão do tempo arrasta,  
Nada escorre entre dedos  
Um dia todos crianças,  
Depois a asia da lembrança.  
Hoje os homens são vagos,  
Jaraguá de tristes figuras.



# Poema, retirado de um aviso da SERASA



Há um certo prazer em ver  
o quanto meu nome significa para você.  
Justo eu que andava só, ausente das coisas e do mundo,  
inegavelmente pensando que a ninguém importava saber  
o fatídico destino do meu ser,  
justo eu cujas lembranças pouco afetam pessoas e palavras  
tenho meu nome gravado na tua memória,  
sou parte dos teus arquivos,  
sou parte do teu tempo,  
Pois alguém, no fazer cotidiano,  
lembrou de escrever meu tão sem cor nome;  
perdeu tempo a buscar meu endereço...  
será isto alguma forma de apreço?  
Devo responder tua carta com a carícia de termos como Vossa  
Excelência?  
Então ficamos acertados:  
sempre que em mim pesar a dor da solidão consentida,  
farei uma nova dívida  
e aguardarei ansioso o teu chamado,  
para enfim saber que existo, ao menos na lista dos fudidos.

# 7 cães na porta do açougue

**1** . Andar ligeiro e sincopado  
No ritmo do trânsito às seis da tarde,  
um estilo sem estilo, jeitinho desgraçado.  
Vou desviando a vida nas frestas das coisas  
À margem das sombras  
Decerto, enquanto o mundo malha  
Eu malho o mundo.

Senhor, por favor, conceda-me um cigarro,  
Acaso não é esta a área dos fumantes?  
Caso não seja, desconsidere o pedido  
E, se possível for, forneça-me um fuzil semi-  
automático,  
Pois ando preocupado com coisas mais  
importantes.  
São sete horas no bairro do Bebedouro.

**2** . São sete horas no bairro do Bebedouro  
Açougues e mercados fecham o dia  
A carne de ontem venceu anteontem  
Para ser vendida amanhã.  
São sete horas no bairro do Bebedouro  
Este é somente um lugar no mundo cheio de  
pessoas,  
Nada de petróleo ou ouro.

**3** . Quero erguer ao alto uma canção  
Proclamar a morte da verdade  
A ausência de amor e a lembrança do  
perdão, Minha casa, Sua casa Boiando na  
escuridão.

4 . Quem sabe um dia  
Novos profetas anunciarão:  
O que sobra de nós

É nada mais  
Nada menos  
Que um imenso não  
Minha casa  
Sua casa  
Navegando na fronteira do não.

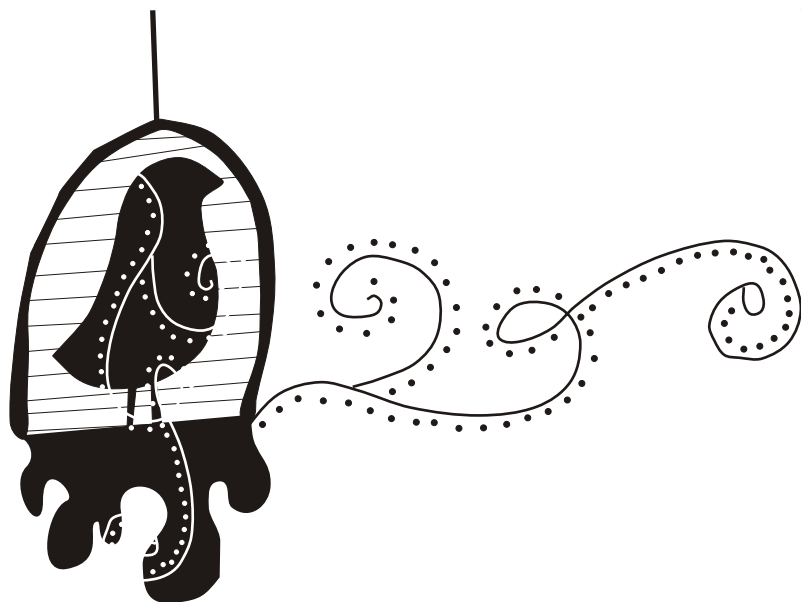
5 . Amanhã a vida é outra  
Vou comprar uma arma  
Para acabar com a guerra.

Amanhã a vida é outra  
Vou comprar um tênis para o conforto dos pés  
Amanhã o dia é outro  
Vou comprar perfume para jogar no esgoto,  
Amanhã o dia é outro  
Vou comprar uma carta de crédito,  
Um lote no céu, uma cratera na lua,  
Um buquê de espelhos, cem gramas de coragem  
Para vender a certeza da morte, com sorte,  
O banco aprova minha conduta financeira.

6 . Em minha ficha estará escrito:  
Ele é só um homem  
Com um passado no tempo

E milhões de pássaros no bolso  
Só um homem que busca andar pelas paredes  
Disposto a roer os vértices do espaço  
Só um homem  
Que recusa andar marcando os próprios passos.  
Quem ousa levantar a voz e perder o tom?  
Quem quer na boca o gosto do desamor?  
Quem ousa contemplar o desamor?

7 . Hoje visto chuva na rua deserta  
Hoje queimei minhas asas na esperança de acender  
o caminho. Hoje entreguei minhas armas.  
Luto com as cores que não tenho.



**A**qui, do alto da condição de chão, observo os passos para inverter o caminho, palavras descartáveis enfeitam os pés deste caminhante.

Toda mentalidade mediana conduz ao lamento, quem é incapaz de esquecer é incapaz de viver, somos todos médios, tristes figuras de esquecimento, incapazes de segurar entre os lábios qualquer beijo ou canção.

É tempo de perder os amigos, de esquecer o perdão, É tempo de mastigar ferrugem, consternado diante do olhar do patrão.

Junto a todos fico nenhum entre nenhuns, a sobra entre os demais.

Há, sem dúvida, uma certeza:

diante do dinheiro as palavras foram feitas para desdizer.

 **Do chão**

# 15

## POEMAS

# ALAGOANOS

1.  
A princípio,  
Negar os marechais.  
O que aqui se constrói  
É nada além de,  
Quem sabe, (?)  
Saliva de Calabar  
Ou sangue de Zumbi.

2.  
Na terra roxa eu enterrei meus dias,  
Não me ferem as baionetas  
Nem me encontro perdido.  
Ocorre que meu passado dorme na restinga.  
Da cana doce sei a folha foice,  
Minha sombra enlameada seca ao sol,  
Os lábios queimam no meio do refrão  
Estoura o arrebol, inicia-se meu canto.

3.  
Minha terra sonhada  
Não é terra colorida vendida em postais  
Tampouco é terra crua que se vê nos jornais.  
Na minha terra tem de tudo e cabem todos  
Dos ricos aos rotos  
Na minha terra tem  
Na minha terra cabe.  
Na minha terra tem jogo do bicho,  
Dominó na praça em frente ao cemitério  
Num final de tarde cheio de olheiras,  
Além dos cães cheios de sarna  
Esfregando carrapatos na paisagem.  
Aqui tem usina de açúcar,  
Gado de leite, criação de búfalos  
E cultura extensiva de maconha,  
Aqui tem feira da pechincha,  
Tapioca, acarajé, índio caeté comendo raiz.  
Na minha terra tem ladrão, é fato,  
Tem trabalhador de pés descalços  
Vestindo o dia de amanhã  
Na passeata do orgulho gay.  
Minha terra é terra de canção velha  
Feita de miado de gato  
Tecida em renda  
Vendida como artesanato.



Tem uma sereia muda  
Preso pela nadadeira num pobre dum coral,  
Há quem diga que o mar  
Queimou a boca beijando a areia.  
Na minha terra cabe  
Banda de pífano em porta de velório,  
Carnaval e missa de sétimo dia,  
Plumas e paetês na fé do povo.  
Cabe pistoleiro profissional,  
Banca de peixe, siri de coral,  
Laranja lima, laranja pêra, maracujá e limão.  
Minha terra sonhada,  
Tão rica quanto podre e amada,  
Tem fazenda plantando no vácuo, tem guerreiro,  
Balanço do ganzá, baque do pandeiro.  
Minha terra sonhada,  
Da arte rouca e trêmula,  
Por vezes tua memória  
Confunde-se com a história  
Esquecida de acontecer.

4.  
Comeram minha cabeça  
Num jantar imundo  
No porão de uma nau portuguesa.  
Ocorre que os marinheiros de Holanda  
São menos estúpidos que os porcos lusitanos,  
Além disto é sabido:  
quem vende bem deve vender caro.  
Lavei as ladeiras desta vila com o meu sangue  
O povo foi obrigado a ver minha pele ao avesso  
Apenas deixei tripas como herança.  
Membros arrancados  
Foram postos em diferentes sacos  
Depois na praça expostos  
Aos olhos das crianças.  
Puseram sal nos lugares onde passei  
Para que nem mesmo o mato  
De mim guardasse lembrança.



As negras com que deitei  
Tiveram o ventre dilacerado,  
Meus olhos sem face de traição foram  
acusados.  
Mesmo depois de morto  
A menção de meu nome ainda deu a muitos  
O direito de viver o resto da vida sem língua.  
Das mais simples negociatas  
Aos mais nobres acordos  
Este que vos fala imaginou-se  
Tão homem quanto os que o caçavam.  
Eu se pudesse venderia minha alma  
Como quem vende cana  
Só para ser mais homem  
Do que aqueles que o ouro  
Pelas mãos derramam.  
Os que a mim compravam  
Foram os mesmos que minha carne  
venderam.  
Fato é que custei barato.  
É a alma desta terra,  
Quem mais tem, mais pode.  
Eu que não tinha, durante algum tempo  
pude, Por isto a necessidade  
da minha morte.  
Se custei barato não foi, claro,  
Pela qualidade da mercadoria,  
Mas sim pela incompetência dos  
vendedores.

5.  
Mundaú,  
Grande lagoa mãe,  
A senhora fede.

6.  
Nem todo pé no pasto é pata  
Já dizia o dono da fazenda  
Depois de beijar o facão do vaqueiro  
E ficar com a boca cheia de moscas.  
Nem toda esperança é esparsa  
Por vezes uma magoa retorna entre dentes  
Como quem entorna a cachaça  
depois de engolir a serpente.  
Nem toda sombra plantada ao pé de um cacto  
Traz em si espinhos de penumbra,  
É bem verdade  
A ausência de luz também fere





7.

Por ser alagoano  
Sou primo irmão do capim carrasco  
E vivo até hoje  
Com a pele tecida em reio e foice.  
Bem educado sou  
Por isso não me aborreço  
Se em casa estranha piso  
De rogado não me faço  
Ofereceu água bebo  
Com a boca no copo ou na beira do riacho,  
E se por acaso alinhado à mesa estranha janto  
Sem negar comida pra não causar espanto  
Sempre recordo da tenra infância  
Quando bunda de formiga com farinha  
Era alimento santo.

Por ser alagoano  
Separo as estações em dois pedaços  
Num deles quase não chove  
No outro véu de nuvem no espaço,  
A esperança que precipita  
Faz zunir a palha forrageira,  
Estala no chão de poeira  
Para depois deixar na terra a lama fina,  
Coisa que racha quando o sol toca.  
Bem orientado fui  
Sobre as coisas intangíveis deste mundo,  
Por isto quando me contam quão estúpido sou  
Em não comer o flato do patrão  
Explico que não sou aspirante a capacho.  
Nada contra quem o faz e ascende socialmente  
Apenas recuso  
Nadar no vapor da bunda alheia.

8.

Longe muito longe  
Onde só os olhos da lembrança  
Nutridos de esperança  
Podem alcançar,  
Eu vi Graciliano Ramos  
Pitar seu cigarro  
Escarrar para o lado e cuspir,  
Depois de mãos limpas  
E com um arrotto preso na barriga



Sair para cumprir  
Seu itinerário de funcionário público.  
Vi Jorge de Lima montado num cavalo alado  
Aspirando enigmas ao som da fumaça,  
Em seu ventre uma luz negra pulsava  
Enquanto seu corpo conspirava  
A pele luminosa de Deus.

9.  
A especialidade desta terra  
Não é a profusão de usinas de açúcar  
A despejar melaço na alma do povo.  
Não é a estúpida economia fumageira  
Responsável, entre outras coisas,  
Pela transformação da vida em fumadouro.  
Tampouco é a pecuária mesquinha  
Na qual mil cabeças de gado  
Ruminam a riqueza de um só homem.  
O que esta terra faz com primazia,  
Décadas à frente de alhures,  
É a produção de assassinatos por encomenda.  
Aqui junto ao pão sempre é vendida  
Em igual peso e medida  
A mentira que alimenta e satisfaz as famílias.

10.  
O bispo surgiu no mar em dia de festa  
As fogueiras já não estavam tão quentes  
Porém ainda houve tempo de reaquecê-las  
Para ceiar o homem de batina.  
Hoje sofre de eterna indigestão jesuítica.

11.  
Metade de mim é plantação de cana  
A outra metade o boi comeu.

### *Trágicos*

12.1  
ao completar dez anos,  
cansado do irmão menor,  
gotejou água fervendo no ouvido dele.

12.2  
o cão da vizinha mordeu Nestor,  
que revidou com outra mordida  
até estranglar o poodle com os dentes.



**12.3**

**gostava de mexer com a menina o pai.  
até que a mãe descobriu  
e cortou o marido em 5 partes,  
pôs num saco e levou para a delegada:**

**doutora, aqui o meu marido, bulinou minha filha cinco vezes,  
pode ficar com ele que eu não quero prestar queixa.**

**13.**

**Em alagoas não há bala perdida  
Todas as balas são cadastradas:  
Nome, endereço, telefone, pessoa física ou jurídica,  
Cgc, razão social, histórico familiar e destino garantido.**

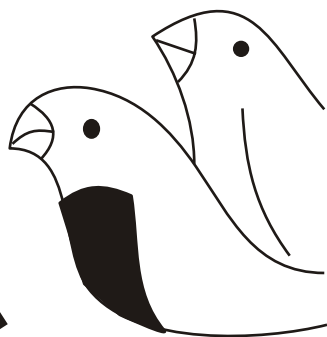
**14.**

**Eu, morador do quase feudo  
Vassalo do patrão  
Ou ilustre funcionário do subemprego  
Valho menos que a levedura  
Do leite que não bebo.  
Eu, acostumado a cuspir para o alto e fazer chuva  
Teço em lembranças vazias  
A ausência de antepassados.**

**15.**

**A certeza do emplastro  
Em cada prédio público  
Nos torna rotos e ratos  
Cidadãos de papel mudo.**

# De canoa na enchente



Fosse eu navegador,  
este córrego ao lado do semáforo  
seria mais importante que as navegações de Costeau,  
porque quando a chuva alisa água e ele alaga  
o povo desce de canoa na virada  
amanhece o mundo dágua  
e tudo que é podre bóia.

Cabeças de cães e cavalos, garrafas centenárias, carne  
velha,  
restos de madeira e ferro, cartazes com palavras  
coloridas,  
que para nada servem além de entupir o esgoto,  
Sempre que os vejo pergunto-me se não seria está a  
função das palavras,  
competir com o que é do esgoto e perfurar as narinas  
alheias. Feder.  
Há ainda muito pano, muito plástico, muita merda, que é  
de produzir lixo  
a rotina do homem.

Mas eis que a chuva acaba e o poema idem. 



AQUÁRIO  
DE AVES  
MARINHAS

# Poema da Garrafa

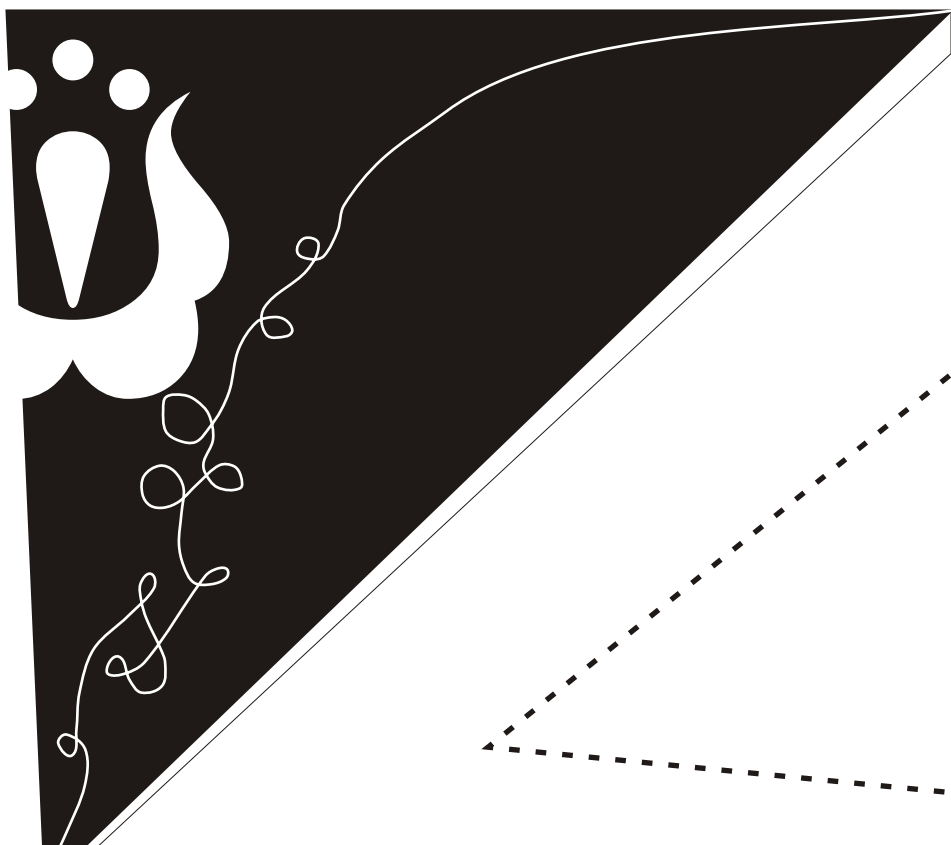


Do alto do muro dava para ver o mar,  
dentro de mim o mar assombrava.

Decidido, pus sonhos em uma lista  
e a lista na garrafa,  
a joguei certo de que o mar engoliria,  
Inútil.

Mais cedo ou mais tarde  
o mar devolve o que a ele não pertence, devolve  
garrafas velhas, cacos de vidro, sementes,  
devolve assim calmamente,  
displicentemente,  
como quem vira o rosto e impede o beijo,  
deixa morrer na borda dos lábios, com sal e areia,  
o mais profundo desejo de **abandono**





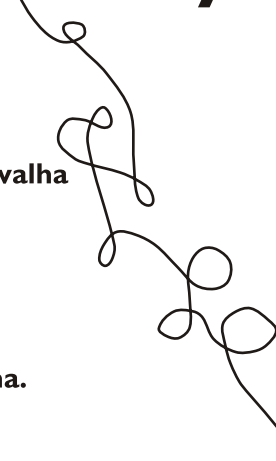
## Poema para desenho de

# Banksy

Há os que atiram pedras,  
os que atiram mísseis,  
os que atiram balas  
e os que atiram flores.

Há os que atiram em pessoas,  
os que atiram aviões em prédios  
e os que por desespero ou coisa que o valha  
atiram em ex-amores.

Há os que atiram cacos  
e os que atiram cores,  
os que atiram carros em pedestres,  
os que atiram lama,  
os que atiram insultos ao amor na cama.



O problema de quem anda com os pés na cabeça é que vez por outra tropeça no teto.



# Olhar os pés

Por vezes é preciso olhar os pés para ter certeza a respeito do que abaixo deles está. Da mesma forma que se olha o céu para ter certeza da incerteza que nele há.

## A incrível arte de comer

# Biscoitos

Para Gabriela:

Teus olhos não sabem, bem como teus cabelos, tampouco tua pele, que ainda irá demorar para acabar todo o chocolate do mundo;

No entanto você come menina, da mesma forma como come os fatos quando mastiga revistas e engole com força

o recheio de hoje e a notícia de ontem.

Pouco importa se na boca repousam a tática de guerra de Israel ou um simpático biscoito, senhoras e senhores, a menina, a sulamericana menina, simplesmente come.

O faz com tal perícia e dentes tão frágeis que vez por outra regurgita, o biscoito, não a notícia, diga-se de passagem,

para ela tem mais gosto as crônicas de guerra, chocolate enjoa e faz mal para a barriga, ao contrário da notícia,

Gosta das fotografias a menina, principalmente as muito coloridas,

as feitas para causar espanto, com fotos de explosões e bombas,

amassa o papel, junta-o ao biscoito, e prova o valor da informação:

com dentes de leite adoça o editorial do dia.





Esta nossa casa  
será feita de muito pouco,  
do pouco que teremos faremos  
muito,  
como o fazem os que sonham,  
os que da vida levam  
as lembranças que deixam.

Terá sol a nossa casa  
seja qual for o tamanho das janelas,  
posto que a luz não espera,  
para ela pouco importa  
buraco ou fresta  
a luz simplesmente atravessa  
e insiste em pôr o dia aparado nas  
arestas do tempo.

Terá cores a nossa casa,  
com elas iremos construir as horas,  
como o faz o artesão do ar  
com cada parte da aurora.

Será de tijolos a casa,  
melhor seria se não o fosse,  
não estará contida em paredes  
paralelas,  
senão no tamanho dos nossos  
anseios  
e são tão grandes e tão nobres  
que mal os contém a existência.

Será casa composta menos com  
dinheiro e mais com paciência,  
afinal é esta a ciência  
da qual vivem os que pouco têm,  
são capazes de da pobreza olhar  
além.

Onde os céticos enxergam vazio  
nos veremos a possibilidade do  
espaço,  
onde há um prato apenas  
nós enxergamos banquete,  
pouco nos importa,  
somos capazes de felicidade  
comendo com talheres ou alfinetes.



# A raiz vermelha

Para a aluna que superou o câncer.



Nos teus ossos, menina, um tumor se associa,  
cresce e enraiza,  
infiltra-se.

Assombra os homens que com branco combatem  
o vermelho que escapa  
por entre as fendas ósseas, rumo ao labirinto medular.

De tal síndrome acometida, aos treze perde as forças.  
Pregada na cadeira, com ferros a pôr o corpo ereto  
observa a janela vazia  
e a paisagem nada vale.

Secam tuas faces, tua pele, teu peito,  
é preciso deixá-la nua,  
não há mais nada  
além da sombra neutra.

Diriam alguns incrédulos:  
-Está morta esta menina, cujo coração reparte  
em infecções fantasmagóricas,  
cuja dor assustaria aos torturadores da santa inquisição,  
está morta a infeliz, condenada a não ser.

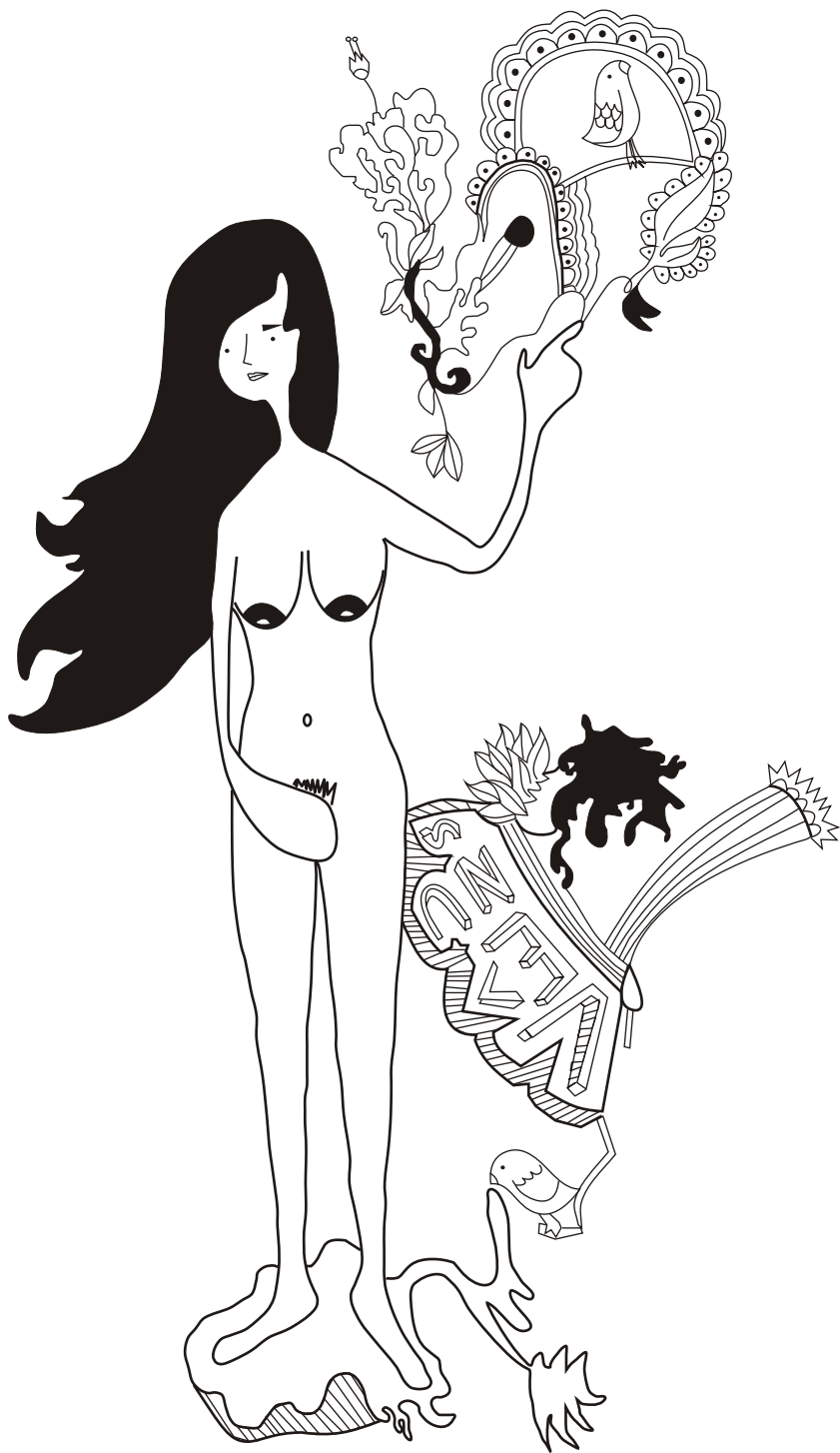
No entanto,  
da mesma entranha cancerígena  
é feito teu ventre que resiste,  
tem a mesma força da dor que se espalha,  
deita-se na radiação  
manto a partir-se e esquadrihar o corpo.



# RG



**Vou virar esta cortina de  
fumaça ao avesso,  
a palavra é meu nome,  
a poesia o endereço.**



# Sobre o autor

Tainan Costa é um autor que  
Está inserido em  
E de acordo com  
Ele acredita na  
E duvida de  
Foi criado em  
E viveu grande parte da vida por  
Não se considera poeta a não ser que  
Está disposto a  
Dependendo de  
Tem menos de  
E não liga quando  
Açougue é seu segundo livro ao menos que  
Ele sabe que  
Apesar de  
Ele crê em  
Atualmente vive de falar sobre  
Para pessoas que  
Pensa em  
No final se  
A partir da verdade que  
Mantiver ou destruir o que for

**L.C. Canário é pessoa da pessoa de.  
Heterônimo com parcialidade  
assumida.**



QUALQUER PARTE DESTA LIVRO PODE SER  
COPIADA, DESDE QUE O AUTOR SEJA CITADO.  
CASO VOCÊ COPIE E NÃO CITE, MILHÕES DE  
PÁSSAROS DEFECARÃO SOLENEMENTE  
SOBRE SUA CABEÇA.



DEUS ABENÇOE OS PIRATAS  
E OS INVENTORES DO PLAYSTATION





música poesiateatrocinema

